

A CRIANÇA, A MULHER E O MAR

rituais de cura em Clarice Lispector

Vera Lúcia Albuquerque de Moraes*
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Ao ser considerada uma epifania, a narrativa de Clarice Lispector instaura a problemática da escrita enquanto um rito que se cumpre como forma de submissão ao processo. Sendo considerado um rito, esse discurso epifânico se repete a si mesmo, marcando os mesmos lugares, como a girar alguns símbolos mais recorrentes – criança, mulher, mar – em torno de um mesmo eixo, o que enfatiza a circularidade dessa escrita plena de crenças, sensações e afetos singulares, vertentes caracterizadoras do mundo interior da escritora Clarice Lispector.

PALAVRAS-CHAVE

Criança, mulher, mar

A água salgada é de um frio que lhe arrepia em ritual as pernas. Mas uma alegria fatal – a alegria é uma fatalidade – já a tomou embora nem lhe ocorra sorrir. Pelo contrário, está muito séria. O cheiro é de uma maresia tonteante que a desperta de seus mais adormecidos sonos seculares.

Clarice Lispector

Quando Clarice Lispector era pequena, havia uma crença arraigada no poder de cura das águas do mar: o sal e o iodo deveriam ficar várias horas na pele e nos cabelos de crianças e adultos, a fim de que o esperado efeito benéfico se realizasse. Para ser salutar, esse ritual deveria exercer-se durante os primeiros raios solares e a travessia da casa de Clarice às praias de Olinda soava como uma grande aventura aos olhos da menina: “Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?”¹

Seu pai, adepto dessa crença, conseguia levar as filhas, ainda de madrugada, tendo o bonde como meio de transporte, atravessando um longo percurso Recife adentro

* <mailto:veralual@hotmail.com>.

¹ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 169.

até chegar ao mar revolto de Olinda. Toda a família saía em jejum, como prescreviam os ensinamentos dos mais velhos, a fim de assegurar a saúde das meninas e do pai, que permaneceriam envoltos, como por encanto, naquele fluido mágico de cheiro penetrante e de estranha textura, usufruindo dos poderes energéticos das águas dançantes:

Eu me sentava bem na ponta do banco: e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.²

Esse fato e as impressões causadas na menina que olhava a paisagem com deslumbramento estão descritos, com sensibilidade, na crônica “Banhos de mar”, inserida no livro *A descoberta do mundo* (1999) de Clarice Lispector. Durante a viagem de bonde, a criança observava com prazer os animais tão cedo despertados – imagens gravadas para sempre em suas retinas – como “um porco de verdade” e uns “cavalos belos que esperavam de pé pelo amanhecer”. Para uma menina que tivera uma infância infeliz, centrada nos problemas decorrentes da grave doença da mãe, esse passeio diário soava como descoberta de um mundo mágico, simbolizado na imagem de uma ilha encantada:

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.³

Deve-se esclarecer que a crença no poder de cura da água do mar, com a ajuda dos primeiros raios solares, persiste até os dias atuais. Doenças respiratórias desde uma simples gripe a bronquites, pneumonias e até tuberculose são assim tratadas desde tempos idos e vividos. Tal como se vai às estações de águas termais no sentido de curar reumatismo e doenças afins, as águas salgadas e iodadas do mar sempre foram muito apreciadas no tratamento de resfriados e tosses renitentes.

Por que motivo a combinação do banho de mar já com os raios solares mais fortes não era recomendada, não se sabe. Ao contrário, o calor do sol fustigando a pele funcionava como uma senha para que todos se apressassem, começando a trocar de roupa nas cabines enfileiradas pela praia, preparando-se rapidamente para o passeio de volta a casa. Mas a impressão causada pelo mar, desde a infância, vai atravessar de ponta a ponta a obra de Clarice Lispector:

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, com o sol levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever. O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco do mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele.⁴

² LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 170.

³ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 170.

⁴ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 170.

Chegando a casa, tomavam café e esperavam algumas horas para tomar banho de água doce, por recomendação do pai. E a menina sonhava ansiosa com o passeio de bonde pela madrugada e o banho de mar do dia seguinte: “eu ficava séria de tanta ventura e aventura.”⁵ E a narradora, nostálgica, questiona: “A quem devo pedir que na minha vida se repita a felicidade? Como sentir com a frescura da inocência o sol vermelho se levantar?”⁶

No *Dicionário de símbolos*,⁷ de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o **mar** é considerado, antes de tudo, como símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos, as águas em movimento do mar simbolizam um estado transitório entre as possibilidades ainda informes das realidades configuradas – situações de ambivalência plenas de incerteza, dúvida, e/ou indecisão, e que pode concluir-se bem ou mal. Por isso, o mar é, ao mesmo tempo, a imagem da vida e a imagem da morte.

O oceano e o mar são, em virtude de sua extensão aparentemente sem limites, as imagens da indistinção primordial, da indeterminação original. São também símbolo das águas superiores, da Essência Divina, do Nirvana, do Tão. A calma da superfície simboliza, ao mesmo tempo, a vacuidade e a iluminação. Mas o oceano é também, quando está agitado, a extensão incerta, cuja travessia perigosa condiciona a chegada à costa. O simbolismo do oceano, corroborando suas funções mitológicas, está relacionado ao da água, compreendida como primordialidade e origem de toda vida.⁸

Segundo Gilberto Martins,⁹ as figurações literárias dos espaços privados – territórios da intimidade – têm sido reiteradamente revisitadas pela fortuna crítica da obra de Clarice Lispector. Entretanto, não raro os espaços públicos são também representados como localidades potencialmente promissoras para o desenvolvimento de processos de individuação de personagens e narradores:

Caçadas, ruas, esquinas, grandes avenidas, bondes e parques constituem cenários privilegiados para o exercício de diferentes modos de subjetivação e formas de sociabilidade, sobretudo porque neles aumentam as chances de o sujeito defrontar-se com variadas formas de encarnação da alteridade. Espacialidade arquetípica por excelência, o mar comparece em textos curtos de fundo autobiográfico e ganha destaque no romance de estréia de Clarice, *Perto do coração selvagem*, publicado em 1943.¹⁰

O percurso iniciático que se origina na travessia da cidade do Recife, durante o escuro da madrugada até desembocar nos revoltos e perigosos mares olindenses, tem sua razão de ser na crença difundida, entre as famílias judias, do poder curativo da imersão em águas salgadas. As viagens frequentes rumo ao litoral são lideradas pelo pai

⁵ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 171.

⁶ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 171.

⁷ CHEVALIER; GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números, p. 592.

⁸ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 650.

⁹ MARTINS. *DE PROFUNDIS* – experiências do litoral (presença do espaço arquetípico no romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector).

¹⁰ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 67.

de Clarice, que não poupa esforços no sentido de restabelecer o bem-estar de sua família, especialmente depois da longa e penosa doença de sua mulher, culminando com a perda da figura materna naquele lar: “Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.”¹¹

Martins¹² chama a atenção para o modo prazeroso como a menina se apodera visualmente daquele espaço infinito para, em seguida, entrar em contato direto com a verde e espumante substância líquida, ritual mencionado em várias passagens da trajetória ficcional de Clarice Lispector, simbiose perfeita entre conteúdo e continente, “harmonizando-se corpo e oceano, unidos e imaginariamente (con)fundidos”:¹³

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. /.../ O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco do mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele.¹⁴

O desejo de pertencer ao cosmos, de fundir-se ao elemento natural, em que se antevê a vontade de regressão ao núcleo, ao fundamento, irá motivar boa parte das angústias e dos questionamentos daquela menina/mulher desterritorializada, inadaptada ao *modus vivendi* do mundo civilizado. Passado o momento epifânico dos estranhos pressentimentos e revelações motivados pela imersão no universo marítimo, a aventura se desfaz por imposições imediatas do cotidiano: “meu pai tinha que trabalhar cedo.”¹⁵

Na opinião de Mircea Eliade,¹⁶ o mundo não produz nada de novo, pois tudo consiste na *repetição* dos mesmos arquétipos primordiais, atualizando o momento mítico em que o gesto arquetípico foi revelado. O significado dessa repetição é que ela confere uma realidade aos acontecimentos. “Os acontecimentos repetem-se porque imitam um arquétipo: o Acontecimento Exemplar. Além disso, pela repetição, o tempo é suspenso, ou, pelo menos, a sua virulência é atenuada.”¹⁷

As fórmulas e as imagens que exprimem a realidade primitiva podem parecer ingênuas e, até mesmo, ridículas: o importante é que o sentido profundo do comportamento primitivo é revelador. Coletivos ou individuais, os ritos de renovação contêm sempre na sua estrutura e significado um elemento de regeneração pela repetição de um ato arquetípico – quase sempre o ato cosmogônico.

A abolição do tempo profano e a projeção do homem no tempo mítico só se produzem em intervalos essenciais, ou seja, no momento dos rituais ou dos atos importantes, uma vez que a rotina da vida cotidiana estende-se, em sua maior parte, no tempo profano desprovido de significado.

¹¹ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 169.

¹² MARTINS. *DE PROFUNDIS* – experiências do litoral (presença do espaço arquetípico no romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector).

¹³ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 68.

¹⁴ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 170

¹⁵ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 171.

¹⁶ ELIADE. *O mito do eterno retorno*.

¹⁷ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 104.

“Ritual”, título de crônica inserida no livro *A descoberta do mundo*,¹⁸ que se repete, no mesmo livro, com o título “As águas do mar”,¹⁹ coloca o leitor diante do mesmo fenômeno anteriormente relatado: a exiguidade da mulher *versus* a vastidão do mar. “A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem.”²⁰ A praia está vazia e a mulher apenas percebe a presença de um cão negro e livre naquele deserto.

Um desfile de sensações térmicas e visuais começa – piano, piano – a compor um quadro em que uma mulher sozinha ousa enfrentar a vastidão ilimitada e misteriosa das águas salgadas: “Nessa hora ela se conhece menos ainda do que conhece o mar. Sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir. É fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem.”²¹

Aí está ele, o mar, o mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar.

Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.

Ela olha o mar, é o que pode fazer. Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra. São seis horas da manhã. (...) A mulher hesita porque vai entrar.²²

É interessante avaliar as considerações do filósofo Gaston Bachelard²³ sobre a relação pessoa *versus* mar:

Deter com o olhar o mar tumultuoso, como o quer a vontade de Fausto, jogar uma pedra na onda hostil, como faz a criança de Michelet: é a mesma imagem da imaginação dinâmica. É o mesmo sonho de vontade de poder. Essa aproximação inesperada entre Fausto e uma criança pode fazer-nos compreender que sempre há um pouco de ingenuidade na vontade de poder. Realmente o destino da vontade de poder é sonhar o poder para além do poder efetivo. Sem essa faixa de sonho, a vontade de poder seria impotente. (...) Comandar o mar é um sonho sobre-humano. É ao mesmo tempo uma vontade de gênio e uma vontade de criança.²⁴

Em *A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria* (1997), Bachelard considera que as forças imaginantes de nossa mente desenvolvem-se em duas linhas bastante diferentes: enquanto umas encontram seu impulso na novidade e divertem-se com o acontecimento inesperado, outras forças imaginantes escavam o fundo do ser, procurando nele encontrar, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno.

¹⁸ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 119.

¹⁹ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 470.

²⁰ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 119.

²¹ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 119

²² LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 119

²³ BACHELARD. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria.

²⁴ BACHELARD. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria, p. 187.

Para além das imagens da forma – primeira sedução do leitor, em que se percebe a alegria das formas e das cores – existem as imagens da matéria, conhecidas pela mão, que as manipula, as modela, as torna mais leves, no contexto de uma alegria dinâmica. É, sobretudo, à imaginação íntima dessas forças materiais que se intenta discernir todos os sufixos de beleza para finalmente encontrar, por trás de imagens que se mostram, as imagens que se ocultam na própria raiz da força imaginante.

Bachelard ratifica sua admiração pela filosofia heraclitiana: as pessoas não se banham duas vezes no mesmo rio porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre, do elemento transitório. O ser votado à água é um ser em vertigem: morre a cada minuto, alguma coisa em sua substância desmorona constantemente, representando a morte cotidiana. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal.

Para a imaginação materializante, a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra porque o sofrimento da água é infinito. E o filósofo conclui:

Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes.²⁵

Na crônica “Ritual”, a mulher é corajosa e abre caminho entre as águas para avançar mar adentro, momento em que um turbilhão de sensações térmicas, olfativas, visuais e auditivas lhe proporcionam um estado de “alegria fatal”, “embora nem lhe ocorra sorrir. Pelo contrário, está muito séria”:

O cheiro é de uma maresia tonteante que a desperta de seus mais adormecidos sons seculares. E agora ela está alerta, mesmo sem pensar, como um caçador está alerta sem pensar. A mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda – e abre caminho na gelidez que, líquida, se opõe a ela, e, no entanto, a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido.

O caminho lento aumenta sua coragem secreta. E de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda. O sal, o iodo, tudo líquido, deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada.²⁶

Mais uma vez a mulher renova o ritual, tomando, sofregamente, nas mãos em concha, o líquido fertilizante: “o mar por dentro como o líquido espesso de um homem.”²⁷ De novo mergulha e torna a mergulhar várias vezes e a beber a poção fertilizante de iodo e sal, agora “menos sôfrega e menos aguda”. “Ela é a amante que sabe que terá tudo de novo”.²⁸

A mulher permanece de pé, parada no mar, arrepiando-se toda ao contato do sol que a seca, os olhos ardendo, a cabeleira dura de sal e iodo. Finalmente, caminha dentro da água de volta à praia, sentindo a resistência que o mar lhe opõe nesse percurso,

²⁵ BACHELARD. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria, p. 9.

²⁶ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 120.

²⁷ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas p. 120.

²⁸ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 120.

puxando-a com força para trás. E, então pisa na areia: “Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. (...) E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos escorridos são de náufrago. Porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano”.²⁹

Affonso Romano de Sant’Anna³⁰ observa que, ao ser considerada uma epifania, a narrativa de Clarice Lispector instaura a problemática da escrita enquanto um rito que se cumpre como forma de submissão ao processo. Enquanto rito, essa narrativa epifânica se repete a si mesma, refletindo seus mesmos lugares, “com a quase rigidez do rito sempre velho e novo, como a girar uma série de símbolos em torno de um mesmo eixo, enfatizando sua insuperável circularidade”.³¹

Devido a essa circularidade, observa-se a permanência de três ou quatro funções básicas nas narrativas de Clarice Lispector, revelando uma arquitetura semelhante às etapas propostas por Greimas para o mito: “prova qualificante” – em que aparecem os índices do conflito e a preparação dos figurantes para o desempenho; “prova principal” – em que a personagem é testada no clímax da história ou da situação envolvida e, finalmente, a “prova glorificante” – a que aponta para o desfecho como solução da história.

Enfim, existe uma sequência recorrente, baseada no surgimento dessas funções básicas, que provavelmente apareceriam na seguinte ordem: 1 – Colocação da personagem numa determinada situação; 2 – Preparação de um evento ou incidente discretamente pressentido; 3 – Ocorrência do incidente ou evento; 4 – Desfecho em que se mostra ou se considera a situação da personagem após o evento ou incidente.

O motivo do jogo/rito vem ligado a outros motivos da narrativa e vai ter seu sentido completado quando vinculado à epifania. Os limites entre o jogo e o rito são tênues, “porque surge como uma atividade involuntária, como realização daquilo que a ficcionista chama de processo. O jogo aí é elemento interior ao rito. Toda a ação se manifesta como um ritual que comporta jogos curtos.”³²

No ritual, o resultado é sempre previsível, com poucas variações: o aleatório existe – tal como a tensão, a sensação de liberdade, a evasão da vida real – sem, entretanto, desestruturar as regras básicas da composição, próprias da natureza e do significado do jogo discursivo.

Segundo Valverde,³³ o que se anuncia, portanto, é a ideia de que as diferentes formas de sensibilidade constituem diferentes padrões de recepção adquiridos pelos hábitos introduzidos por diversos meios. A recepção facultada pela sensibilidade depende da relação física com alguma interface: é sustentada pela percepção sensorial, mas não se reduz a ela, uma vez que opera num ambiente discursivo e segundo uma disposição (um *pathos*) que se traduz em determinados usos e costumes.

²⁹ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 121.

³⁰ SANT’ANNA. *Análise estrutural de romances brasileiros*.

³¹ SANT’ANNA. *Análise estrutural de romances brasileiros*, p. 190.

³² SANT’ANNA, *Análise estrutural de romances brasileiros*, p. 198.

³³ VALVERDE. *As formas do sentido: estudos em estética da comunicação*, p. 21.

Considerando-se o próprio ambiente, não como um simples envoltório, mas como um processo ativo que está sendo continuamente recriado, tal abordagem permite que se estudem os efeitos dos novos meios a partir do tipo de envolvimento que eles provocam, suscitando novos comportamentos e novas formas de atribuições de sentido e valor aos objetos e processos do mundo simbólico.

Chega-se assim muito perto de uma descrição fenomenológica da sensibilidade, na qual a percepção dos objetos se dá segundo a estrutura de um campo visual estabelecido pela circunvisão associada a alguma ocupação prática: “Sugerida por Heidegger em *Ser e tempo*, de 1927, e desenvolvida por Merleau-Ponty, de 1945, essa perspectiva tem muito a esclarecer sobre o problema da sensibilidade e, por isso, deverá merecer de nós uma consideração mais atenta.”³⁴

Na crônica “Ritual”, a mulher adulta está envolta numa atmosfera de sensualidade a partir da simbologia do mar que a invade por dentro, fertilizando-a com seu líquido espesso. A imagem do homem/amante que vai saciar seu desejo (o mar?) é recorrente, pois ela sabe que, sempre que quiser, “terá tudo de novo”.³⁵

Sensibilidade instaurada pela visão e pelo contato com o elemento água, acrescido de iodo e sal – símbolo da própria vida –, ela é uma figura aguda e sôfrega que enfrenta a resistência oposta pelas ondas ao seu desejo de cometer “um perigo”.

A gênese desses momentos epifânicos, perturbadores/reveladores na vida de Clarice, acionados pelo mar, por uma chuva ou por um banho, já está contida na primeira crônica analisada, em que a menina atravessa o Recife de bonde, com a família, em busca dos poderes de cura supostamente acionados pela energia dos elementos contidos nas águas salgadas de Olinda.

Ali, a menina aprende a inundar-se interiormente, tomando em goles, com as mãos em concha, aquele precioso líquido que lhe preenche a vida de energia e bem-estar, inebriada pela imensidão espacial, pela beleza cromática, sensibilizada por inexplicáveis histórias de mágicas curas que envolvem o grandioso elemento ante a fragilidade do pequenino ser.

Esse fato constituir-se-á em uma das memórias mais caras e estimulantes dos recortes trazidos à obra de Clarice Lispector, revisitados constantemente por seus leitores que, também com as mãos em concha, acolhem a valiosa matéria mítica de sua ficção e viajam nas margens simbólicas de densos e enigmáticos rituais da leitura.



³⁴ VALVERDE. *As formas do sentido: estudos em estética da comunicação*, p. 22.

³⁵ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*. Crônicas, p. 470.

ABSTRACT

Considered as epiphany, the narrative of Clarice Lispector establishes the problem of writing as a rite performed in submission to its process. Considered as a rite, this epiphanic discourse repeats itself, as if marking the same sites, rotating important symbols – such as child, woman, sea – turning around the same axle, which emphasizes the narrative's circularity, full of singular sensations and affections, preponderant characteristics of Clarice Lispector's interior world.

KEYWORDS

Child, woman, sea

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Coordenação Carlos Sussekind, Tradução Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Trad. Manuela Torres. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. *DE PROFUNDIS – experiências do litoral* (presença do espaço arquetípico no romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector). *Revista de Letras*, n. 29, v. 1/2, p. 67-80, 2007/2008. Fortaleza: Edições da Universidade Federal do Ceará, 2008.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- VALVERDE, Monclar (Org.). *As formas do sentido: estudos em Estética da Comunicação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.